

Entre corredores e labirintos: a narrativa como fio de Ariadne

Eu sou o máximo. Não respeito as pessoas de estudo que querem falar da vida a partir da teoria, sem ter vivido. Eu vivi muita coisa. Sei muito mais que vários doutores. Se alguém quer falar comigo, tem ser firme e simples. Não vem me dando ordens, marcando coisas, porque não obedeço ninguém. Gosto de fazer a minha vida.

Trecho da entrevista concedida por Dora¹

Numa das passagens da Mitologia Grega, encontramos a simples e, ao mesmo tempo engenhosa solução para o drama que se coloca àqueles que enfrentam o desafio de adentrar pelos labirintos da vida. De sete em sete anos, os habitantes de Atenas eram condenados a pagar um tributo a Minos, devido à morte do filho deste. Deveriam viajar até Creta, onde Minos escolheria aqueles que seriam presos a um labirinto e jogados como alimentos ao Minotauro, monstro que residia nesse labirinto. Para acalmar os atenienses que, temerosos quanto a esse desafio, murmuravam contra seu pai, Tseu assume o compromisso de partir para Creta e enfrentar, sem armas, o Minotauro. Com a chegada de Tseu e seus companheiros, Minos promete que, se conseguissem matar o Minotauro, para o qual seriam jogados como alimentos, os jovens poderiam retornar em liberdade à Atenas. Porém, antes de ser fechado no labirinto, Tseu conhece Ariadne, filha de Minos. A jovem se apaixona por Tseu e oferece-lhe uma ajuda, caso ele prometa desposá-la e levá-la à sua pátria. Tendo o consentimento de Tseu, Ariadne entrega-lhe um rolo de fio que, uma vez desfilado pelo percurso em direção ao Minotauro, poderia conduzi-lo pelo caminho de volta do labirinto. Tseu mata o minotauro com socos e consegue sair do labirinto, seguindo o fio de Ariadne.

Alguns projetos de pesquisa nos convidam a adentrar em labirintos que abrigam minotauros prontos para nos devorar com suas realidades de vida assustadoras e miseráveis, suas resistências aos nossos objetivos científicos, seus idiomas aparentemente indecifráveis, suas aproximações viscosas e seus afastamentos taciturnos. Não nos é delegado o destino de matá-los ou enfrentá-los. Explorar o labirinto é uma escolha do pesquisador. Mas, uma vez lá dentro, lhe é incumbida a tarefa de percorrer as vias misteriosas, conhecer suas direções e sua lógica de funcionamento e, em algum momento, construir saídas viáveis e compreensíveis. Assim, cabe ao pesquisador

¹ Todos os nomes citados nesse texto são fictícios, assim atribuídos para preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa.

inventar constantemente o seu fio de Ariadne e se preparar para o enfrentamento dos minotauros sempre surpreendentes.

Este texto é desenvolvido a partir da participação que a autora teve no trabalho de campo da pesquisa *Inserção social e habitação: moradias de portadores de transtorno mental grave* e pretende apresentar o fio de Ariadne que orientou essa prática dessa pesquisa. Baseamo-nos na experiência de acompanhamento e observação participante feita junto a cinco pacientes de um Centro de Atenção Psicossocial III da cidade de Santo André/SP, todos com psicodiagnóstico de psicose, segundo avaliação da equipe. Tais pacientes conduziram a pesquisadora pelos espaços onde moram, habitam e se abrigam, compartilhando seus modos de experimentar a cidade e descrevê-la. Para cada contato com esses sujeitos, escrevi uma narrativa, cujo método transformou-se no objeto de reflexão deste texto. Diante desse processo vivido, objetivo apresentar uma proposta de compreensão da construção de narrativas enquanto recurso metodológico de pesquisas qualitativas. Recurso este que é concebido como uma elaboração acerca do que apreendi nos labirintos pelos quais os sujeitos de pesquisa me conduziram, não se tratando, portanto, de um estudo das memórias e elaborações centradas exclusivamente nos sujeitos entrevistados, como tradicionalmente se vem abordando a temática das narrativas.

Entendo a construção de narrativas como um trabalho que se inicia no encontro do pesquisador com o sujeito de pesquisa, sustentando-se na relação entre esses dois atores e não se restringindo ao momento da escrita. Parto do pressuposto de que a narrativa construída, seja a partir da entrevista ou da observação participante, é influenciada pela relação interpessoal que se estabelece entre pesquisador e sujeito de pesquisa e não seria reproduzida em outras circunstâncias, a partir de outras relações. Essa concepção torna essencial que comecemos por apresentar o modo como concebemos o posicionamento do pesquisador diante daquele que entrevistará ou acompanhará. Para tanto, utilizarei o referencial teórico da psicanálise, considerando que algumas das suas reflexões acerca da ética do psicanalista e da sua posição na relação terapêutica podem dialogar com os pressupostos da pesquisa qualitativa.

O trabalho de campo que deu origem às narrativas foi composto por uma entrevista, de aproximadamente 2 horas, e três sessões de observação participante, de cerca de 6 horas cada, com cada um dos sujeitos de pesquisa. A estes atribuí os

seguintes nomes fictícios: Dora, Nestor, Patrícia, Marcos e Maurício. Para a entrevista utilizei um roteiro de questões abertas que objetivavam conhecer a história dos sujeitos e o modo como organizam e experimentam sua vida social e os espaços de moradia. Nos períodos de observação participante, pedi que eles me levassem aos lugares que costumam frequentar para tratamento, trabalho, lazer, experiência religiosa e a suas casas ou locais onde dormem e se abrigam. No momento da realização da pesquisa, Dora não possuía uma residência fixa e passava suas noites em diversos lugares como casa de amigos, hospitais, ruas da cidade, bares e no próprio NAPS. Nestor morava numa pensão masculina e Maurício num abrigo municipal. Patrícia e Marcos formavam um casal e tinham sua casa própria. Inicialmente solicitei entrevistar e acompanhar apenas Patrícia, mas o companheiro e ela exigiram estar juntos durante todo o trabalho de pesquisa.

Entre a clínica e a pesquisa: por um posicionamento ético do pesquisador

Ao apresentar sua experiência de pesquisa sobre a transformação o trabalho médico no final do século XX, Schraiber (1995) faz importantes apontamentos sobre práticas de entrevistas que estimulam narrativas dos entrevistados. A autora defende que a garantia de se abordar todas as questões da pesquisa durante a entrevista (garantia esta que atribui certo “controle” à investigação) se produz durante a própria entrevista, a partir de um relacionamento entrevistado-pesquisador que é pautado pelos objetivos da pesquisa. Esses objetivos, assim como o roteiro de perguntas, estão sob domínio intelectual do pesquisador, mas ganham sentido apenas no momento concreto em que o relato está sendo produzido pelo sujeito de pesquisa.

Concordo com a autora no que diz respeito aos elementos que viabilizam o “domínio intelectual” do pesquisador, entretanto, o relacionamento entrevistado-pesquisador, sobretudo quando trabalhamos com sujeitos psicóticos, exige outros recursos além daqueles que comumente atribuímos ao âmbito racional. Entendo que a co-produção de uma narrativa requer que o pesquisador assuma uma postura clínica, postura que o capacite com *firmeza e simplicidade*, ao mesmo tempo, tal como Dora exige. Essa postura estaria próxima do que Turato (2010, p.240) chama de *atitude clínica*:

(...) acolhida do sofrimento existencial e emocional do indivíduo alvo dos estudos do pesquisador, assumida por este profissional, que assim

inclina sua postura de escuta, seu olhar e suas múltiplas e interligadas sensibilidades, que interagem com seus conhecimentos teóricos da metodologia de investigação em direção àquela pessoa a quem quer melhor conhecer e compreender cientificamente (...)

Considerando a complexidade que envolve nossas disposições subjetivas, parece essencial que essa posição clínica, definida como atitude de acolhida, seja sustentada também por uma reflexão ética, de forma que possamos nos prevenir das armadilhas impostas pela ambivalência inerente aos nossos desejos de acolher e compreender e pela diversidade de modos, através dos quais os sujeitos de pesquisa podem significar esses desejos. Tomo como exemplo Maurício, que acreditou firmemente (e a despeito de todas as minhas tentativas de correção) que o objetivo da investigação era providenciar-lhe, imediatamente, o retorno para sua cidade natal, onde moram os primos. Ao conhecer a precariedade do abrigo onde ele dormia, embora tivesse clareza dos objetivos e dos limites do trabalho da pesquisa, surpreendi-me com o desejo de satisfazer o pedido de Maurício, ainda que com recursos próprios.

Freud (1912) nos auxilia na discussão dessas questões ao propor que a ética do analista consiste no amor à verdade do paciente e na sua honestidade para com os próprios desejos e impulsos. Ou seja, o que importa ao terapeuta é aquilo que se coloca como verdadeiro para seu paciente, a partir das referências morais e intelectuais deste, ainda que suas verdades sejam expressas sob a forma de sintomas, sonhos ou delírios.

Considero que o amor à “verdade” do sujeito pesquisado deve sustentar nossa postura de pesquisa, o que exige uma suspensão dos pressupostos teóricos e dos objetivos da investigação, os quais, tal como adverte Turato (2010), devem dialogar com a sensibilidade do pesquisador, mas não determiná-la. Numa visita à casa de Patrícia e seu companheiro, tivemos um diálogo que indica a delicadeza que envolve a suspensão dos conhecimentos do pesquisador e o lugar que, tradicionalmente, ele ocupa no imaginário social. Seu companheiro (M) começa:

M: A Patrícia estava cismada, querendo saber o que você vai fazer em casa. Estava com medo de que essa pesquisa prejudicasse a gente.

Pergunto qual é a dúvida e ela diz que gostaria de entender melhor a pesquisa, pois ficara insegura. Explico os objetivos da minha visita, ressaltando que não queria incomodá-la e que só ficaria na casa deles pelo tempo que avaliassem ser possível. Ela pergunta:

P: Então, você é como a Super Nani?

L: Como assim, Patrícia?

P: *Aquela psicóloga que vai na casa das pessoas para observar o dia a dia delas e depois fica ensinando como educar as crianças. Aquela, que tem um programa na televisão?*²

Patrícia exige o enfrentamento de algumas questões: Como “observar” e “conhecer” sem o desejo de valorar ou ensinar? Como sair da posição de quem sabe para ocupar a de co-autor de uma narrativa a ser construída? A psicanálise nos lembra que cabe ao terapeuta, através de sua submissão à análise pessoal, conhecer suas próprias referências para saber colocá-las em suspenso quando no contato com o paciente. Para tanto, Freud (1912) sugere o uso da *atenção flutuante*, um processo a partir do qual o analista não fixa sua atenção em nenhum ponto por ele identificável como importante. Pelo contrário, ele deixa sua mente livre para seguir as associações do paciente, não devendo se preocupar com nenhuma lembrança em específico e, tampouco, com objetivos a serem atingidos através do relato do sujeito.

A esse respeito, Coelho Jr. (2008a) comenta: “[...] igualmente flutuante, uma atenção que em nada se detém e que por isso pode se apresentar aberta a todas as diferenças, mas também a todas as semelhanças” (ibidem, p. 86). Esse caráter *igualmente flutuante* que Freud (1912) atribui à atenção tira do analista qualquer intenção onipotente de escutar tudo da situação vivida pelo paciente, evitando um tipo de escuta pretensamente totalitária que incorreria numa inevitável perda da multiplicidade de sentidos, inerentes à experiência.

Sugiro que, no campo da investigação científica, a atenção uniformemente flutuante pode barrar a pretensão do investigador de delimitar sua escuta e sua observação a um aspecto previamente determinado ou privilegiado, conduzindo-o para o labirinto das experiências do sujeito de pesquisa, em suas diversificadas nuances. No entanto, tomando a questão a partir de outra perspectiva teórica, Schraiber (1995) assevera que toda pesquisa possui objetivos específicos, sendo necessário que o entrevistador tenha habilidades para conduzir o entrevistado às temáticas pesquisadas, evitando narrativas que extrapolem o âmbito do objeto de estudo. Ou seja, embora a questão de pesquisa possa emergir de labirintos, o pesquisador deve se movimentar em direção a corredores onde se faça possível a sistematização de algum conhecimento. Resgato a indicação da autora porque ela nos lembra que o trabalho de pesquisa guarda algumas especificidades que podem comprometer sua analogia com o método psicanalítico, tal como aqui me proponho a realizar.

² P indica as falas de Patrícia, M de seu esposo e L da pesquisadora.

É certo que dentre essas especificidades se encontra o fato de que, embora o pesquisador deva manter uma postura clínica, não lhe cabe a tarefa de clinicar (o que se coloca como um desafio ímpar, sobretudo àqueles que adentram ao campo da pesquisa científica a partir de questões oriundas de suas próprias práticas clínicas). Além disso, com exceção de psicoterapias focais, que elegem um grupo específico de temáticas a serem trabalhadas e determinam um tempo para a realização do processo psicoterápico (Fiorini, 1991), a psicanálise não faz eleição de temas nem, tampouco, limita o tempo em que a análise deve ocorrer. Já a pesquisa tem um prazo para ser concluída e um objeto previamente delimitado. Como manter a atenção uniformemente flutuante diante dessas prerrogativas?

Esse dilema perde sua força quando optamos por trabalhar com o conceito de “destaque do objeto” e não de recorte. Tal conceito, oriundo da hermenêutica de Gadamer (1997), parte da ideia de que o pesquisador, interpelado por seu presente, escolhe um objeto para investigar, dentre as múltiplas outras possibilidades de estudo. Quando sustentado numa postura metodológica hermenêutica, ele trabalha com um processo em que o objeto se destaca na sua tradição, sustentada em autoridades e clássicos. Note-se que a ação de destacar remete sempre a uma reciprocidade, pois [...] algo que se destaca torna simultaneamente visível aquilo do que se destaca [...]. (Gadamer, 1997, p. 457). Conseqüentemente, o objeto não se perde do seu contexto, não é amputado de suas macro e microrrelações de produção. (Onocko Campos, 2001).

Nesse sentido, a partir de sua leitura de Gadamer e Ricoeur, Onocko Campos (2001) aponta que “[...] o momento propriamente hermenêutico é aquele em que a interrogação se volta para o tipo de mundo aberto pelo texto e, diante dessa abertura do mundo textual, compreender não é projetar-se no texto, mas expor-se a ele [...]” (Ibidem, p. 41). Portanto, o investigador destaca o objeto porque é por ele afetado, sendo que a compreensão do objeto depende da continuidade dessa afetação.

Diante dessas reflexões, entendo que a atenção uniformemente flutuante capacita o pesquisador a expor-se à vastidão que compreende seu objeto de pesquisa. Circular por essa vastidão, como por um labirinto, lhe possibilitará, no momento da análise, conhecer as diferentes faces de seu objeto, segundo as variadas formas através das quais ele é iluminado. Portanto, no momento da pesquisa de campo não cabe ao pesquisador delimitar os caminhos pelos quais o sujeito de pesquisa pode conduzi-lo. É claro que algum limite se fará presente, já que nem sempre contamos com os recursos

(financeiros, de tempo ou de disponibilidade afetiva) suficientes para empreender toda a viagem proposta pelo sujeito. Além disso, a realidade pode nos impor suas dificuldades, como o perigo próprio dos grandes centros urbanos. Nesses casos, porém, cabe-nos admitir que o limite não é oriundo do objeto ou de sua necessidade de delimitação, mas sim de nossa prática e dos seus determinantes.

Experimentei algumas dificuldades, inerentes à complexidade que envolve sustentar a atenção uniformemente flutuante e o amor à verdade do sujeito, no trabalho de observação participante junto a Nestor. Conforme expresso resumidamente, enfrentar tais tensões indicou a importância de sermos rigorosos com esses balizamentos éticos, chamados por Freud de “regras técnicas”.

Nestor é um senhor de 63 anos de idade que mora numa pensão masculina há vários anos. Ao contar sobre sua vida, durante uma entrevista, convida-me para conhecer a casa da sua *amásia* (ele enfatiza que não é casado, mas amasiado), numa cidade vizinha, onde passa as tardes de domingo. Não lhe agrada o pedido (que faço insistentemente) de levar-nos até a pensão onde mora. Alega que esta fica muito longe do NAPS (lugar onde conversávamos) e exigiria que fizéssemos uma caminhada de meia hora, o que *é muito chato para uma doutora*. Apegada ao objetivo de conhecer o local onde ele dorme e faz as refeições diariamente, interessei-me muito mais por acompanhá-lo até a pensão. Tenho dificuldade de deixar-me conduzir pelas verdades de Nestor e, diante dos objetivos da investigação, de algumas limitações de tempo, do desconhecimento da dinâmica de relação do casal e de certo constrangimento de ir à casa de alguém que desconhece a pesquisa e não possui contato próximo com NAPS, resisto perguntando-me qual a validade de conhecer a casa onde ele passa apenas as tardes de domingo.

Nestor insiste no desejo de me apresentar a mulher e opto por acatar seu pedido. Diferentemente da cinzena pensão, que ele me mostrou-me rapidamente, na casa da amásia, somos recebidos pelos latidos de um cachorro eufórico, que reconhece Nestor de longe. Nessa casa onde passa três horas por semana, ele sente-se à vontade para me oferecer *chocotone* e suco, conta suas histórias, discute com a companheira, ao mesmo tempo em que destaca as qualidades dela, e convida-me para almoçar. Apesar dos conflitos a partir dos quais ele escolhera mudar-se para a pensão, Nestor parecia ainda morar na cidade vizinha ao NAPS, onde revê as pessoas com quem possui laços sociais (afetos e desafetos) e frequenta a missa, todo domingo.

Outra reflexão advinda do campo psicanalítico que pode contribuir para a sustentação do posicionamento do pesquisador diz respeito à indicação de que o processo terapêutico requer que o analista mantenha um relacionamento “[...] vívido, afetivo e intelectual com o paciente, [sendo] indispensável estar em contato com a superfície psíquica, vale dizer com a dimensão fenomenológica da experiência [...]” (FIGUEIREDO, 2008a, p. 21-22).

Figueiredo (2008a; 2008b), que propõem um tipo de posicionamento que implica em certo paradoxo constituído pelo binômio *presença implicada versus reserva* a ser sustentado pelo terapeuta. Este paradoxo permite que o paciente ocupe o centro da cena relacional, não sendo, assim, ofuscado pelas concepções de cura ou de valor do terapeuta. Para explicar esse binômio, o autor propõe que o analista sustente uma presença que comporta certa ausência. Trata-se de uma *reserva de si para o outro*, que permite que o paciente surpreenda ao analista com suas associações livres, recordações, repetições, respostas transferenciais e *acting out*, ou seja, uma disposição pessoal que realmente sustente a atenção uniformemente flutuante. Ao colocar-se em reserva, o analista fica confinado às *suas reservas anímicas e corporais* (FIGUEIREDO, 2008a, p. 26), o que livra sua escuta das censuras e controles que a consciência impõe ao psiquismo.

Note-se que o termo reserva está sendo tomado em duas de suas acepções: aquela que diz respeito à discrição, ou seja, àquilo que fica reservado (não exposto), e aquela que diz respeito a uma parte de material que fica guardada, reservada, para os momentos em que se faça necessário. Assim, ao colocar-se em reserva, o analista está, ao mesmo tempo, ocupando um lugar de discrição (ou de não intrusão), e reservando capacidade psíquica para suportar as turbulências do processo, sobrevivendo a elas.

Novamente proponho uma analogia entre as indicações feitas ao psicanalista e uma possível postura do pesquisador. Sugiro que este possa se manter “em reserva” para que o sujeito de pesquisa seja protagonista da construção narrativa, encontrando espaço para se expressar livremente, surpreender, causar estranheza e provocar a circulação pelo labirinto das questões de pesquisa. Nestor assinala a importância de contar com esse espaço ao avaliar: *gostei de ser entrevistado por você, porque você não toma a frente. Deixa a gente falar, à vontade. Não gosto de conversar com pessoas que tomam a frente...* Porém, ainda que *não tome a frente*, é preciso que o pesquisador esteja presente, que mostre sua *firmeza*, conforme Dora assinala. Presença esta cuja função não é possibilitar um “afastamento progressivo” (já que a pesquisa não tem

objetivos terapêuticos), mas garantir ao sujeito de pesquisa a possibilidade de contar com um relacionamento vivo e genuíno com aquele que o entrevista ou o observa.

Para manter essa presença, sustentando, paradoxalmente, sua ausência, o pesquisador conta com reservas diferentes daquelas utilizadas pelo psicanalista. No âmbito intelectual, configuram-se como importantes reservas o conhecimento teórico, o domínio do projeto de pesquisa e o roteiro de entrevista e observação. Já no campo relacional, os membros do grupo de pesquisa e possíveis orientadores podem oferecer ao pesquisador não apenas sugestões e leituras de seu trabalho, como também (ainda que de modo implícito) sustentação afetiva para que ele se conserve atento e, concomitantemente, sustente sua atenção livremente flutuante.

Ao tratar do posicionamento do psicanalista na relação com seu paciente, Winnicott (1983) fez alguns apontamentos que podem iluminar essa discussão: “ao praticar psicanálise, tenho o objetivo de: me manter vivo; me manter bem; me manter desperto. Objetivo ser eu mesmo e me portar bem. Uma vez iniciada a análise espero continuar com ela, sobreviver a ela e terminá-la” (ibidem, p. 152). O autor segue sua exposição afirmando que sempre procura se comunicar com o paciente a partir da posição em que este o coloca, segundo seus movimentos transferenciais. Conseqüentemente, permite-se ser um objeto subjetivo do paciente, sem, no entanto, deixar de representar o princípio da realidade e manter-se atento a esta. Com tais formulações, Winnicott (1983) evidencia o caráter paradoxal do posicionamento do analista: manter-se vivo e desperto, mas ausentar-se, permitindo ser alocado para o campo subjetivo do paciente.

Na sua leitura desse trabalho winnicottiano, Figueiredo (2008b) apresenta outro paradoxo contido no posicionamento proposto pelo autor: o objetivo de *ser eu mesmo* nos remete a uma postura baseada na autenticidade, sinceridade e presença implicada. No entanto, o objetivo de *me portar bem* nos conduz a idéia de uma “[...] obediência a algumas regras, requer uma auto-restrição, uma **reserva de presença do analista** [...]” (ibidem, p.108, grifo do autor). O autor aponta que, se num primeiro momento o *ser eu mesmo* se coloca como presença implicada, necessária para a instauração de um campo relacional vivo, num segundo momento ele adquire conotação diferente. Nesse período posterior, o analista apóia-se no seu *si mesmo* justamente para colocar-se numa condição de *não implicação*, que deve permitir que o analisando possa ficar consigo mesmo.

Se transportarmos esse paradoxo para o campo da pesquisa, indicando que o investigador deve, ao mesmo tempo, ser ele mesmo e comportar-se bem, mais uma vez, Dora nos ensina: é preciso estar *firmente* presente, mas de modo *simples*, sem nos defender com nossas construções teóricas e nosso posicionamento profissional. Liberta de certo imaginário social sobre os acadêmicos, Dora avisa que, para falar com ela, a pesquisadora não pode *dar ordens e marcar coisas*, ou seja, não pode se colocar como uma *doutora que só anda de carro*, ou uma *super Nani*, que ensina como bem proceder.

No bojo dessa discussão, o *se comportar bem* pode ser entendido como um tipo de utilização das regras metodológicas, utilização que não tem o intuito de coibir a capacidade criativa e empática do pesquisador, mas barrá-lo em seus excessos, seja no sentido da resistência em circular pelo labirinto de suas questões, seja no âmbito do desejo de extrapolar seu papel, procurando clinicar ou ajudar o sujeito de pesquisa (ainda que movido pelo contato com situações de extrema violência a que sujeitos de pesquisa estão submetidos, como me ocorrera após a visita ao abrigo onde Maurício mora).

Considero que a discussão sobre o posicionamento do pesquisador não se esgota com as reflexões aqui esboçadas, nem com o referencial teórico adotado. Trata-se de uma temática que exige contínuo trabalho de análise e avaliação. Porém, entendo que os elementos apresentados nos permitem configurar um espaço de construção de narrativas de pesquisa, tal como apresentamos a seguir.

A construção narrativa

Há complexos estudos sobre narrativas, em diversas áreas de conhecimento, como antropologia, ciências sociais, história, psicologia do desenvolvimento e teoria literária. Neste trabalho, limitar-me-ei a apresentar apenas algumas considerações teóricas sobre as quais me apoiei para construir as narrativas da pesquisa, já que o objetivo deste texto não é revisar as teorias sobre narrativas, mas apresentar uma forma de construção que pretende aproximar o leitor da experiência de pesquisa. De certo modo, privilegiei falar do vivido, tal como preconiza Dora no extrato acima, e das reflexões teóricas que o sustentaram ou o analisaram, no lugar de discuti-lo no âmbito das diferentes teorias que o circundam. Discussão esta que seria extremamente importante, mas que requer outro trabalho.

Onocko Campos e Furtado (2008) fazem uma elaboração acerca da construção de narrativas resgatando Kristeva (2002), para quem as narrativas exercem para a humanidade uma função, essencial, de extrair os acontecimentos do fluxo contínuo do devir infinito e muni-los de um “quem” e um “quando”, ou seja, capacitá-los à experiência propriamente humana, tornando-os passíveis de serem reconhecidos e vividos. Elas acontecem, necessariamente, num espaço descrito pela autora como um “entre dois”, em que os fatos são transformados em experiências compartilháveis. São, portanto, “a ação mais imediatamente partilhada e, nesse sentido, a mais inicialmente política [e humana]” (ibidem, p., 87, 88). Assim, entende-se que a vida é especificamente humana desde que possa ser representada por uma narrativa e partilhada com outros homens.

Carvalho (2003) faz apontamentos nessa mesma direção ao defender que quando os relatos biográficos são tratados como modalidades narrativas, “deixam de ser produções individuais e factuais e evidenciam a interpenetração entre sujeito e história, bem como entre os acontecimentos e sua reconfiguração na tessitura de vidas narradas” (ibidem, p. 293). Nesse processo, o pesquisador também se torna mais um interlocutor, “integrando o circuito dialógico da produção de conhecimento” (ibidem, p.295), o que atribui à narrativa um caráter de construção compartilhada entre os diversos atores envolvidos na pesquisa.

Foi no âmbito dessa discussão que construí as narrativas da pesquisa, entendendo-as como co-construções que expressavam o compartilhamento da vivência dos sujeitos e buscavam ampliar tal compartilhamento com os possíveis leitores. Meu objetivo não foi retratar a realidade que os sujeitos nos apresentaram, mas reconstruir o vivido, o que me exigiu habitar uma temporalidade diversa, conforme discuto abaixo.

Narrativas como um trabalho de construção

Ao estudar os sonhos, Freud (1900) traz importantes contribuições acerca da temporalidade da experiência humana e sua relação com o trabalho narrativo. O autor propõe que o conteúdo repetido em diferentes vivências do sujeito, ao longo de tempos remotos, é condensado e sonhado a partir da atemporalidade do inconsciente. Nesse contexto, a logicidade e a cronologia se associam, pois a ligação entre todas as partes do pensamento onírico é percebida “pela simultaneidade no tempo” (ibidem, p.340) em que ocorrem, já que não há conexões causais entre os conteúdos. Em um primeiro momento,

o conteúdo do sonho causa impacto ao sonhador, mas não costuma lhe fazer sentido. É o trabalho interpretativo que permitirá a criação de uma espécie de enredo do sonho.

Sabemos que tal trabalho é analítico. Entretanto, a nosso ver, ele também implica num procedimento de construção narrativa, regida pelas associações do paciente. Este, ao ser escutado pelo analista, consegue agenciar o conteúdo sonhado, construindo uma espécie de enredo narrativo que estabelece ligações lógicas entre os diversos pensamentos oníricos. Tal como Onocko Campos e Furtado (2008) lembram, em estudo posterior, Freud (1937) incrementa essa questão propondo que o analista faça com seus pacientes um trabalho de construção, semelhante àquele feito pelos arqueólogos que reconstroem uma imagem de um prédio demolido por meio dos restos que encontra em suas escavações. Nesse sentido, Freud (1937, p. 277) compara:

(...) Mas assim como o arqueólogo ergue as paredes do prédio a partir dos alicerces que permanecem de pé, determina o número e a posição das colunas pelas depressões no chão e reconstrói as decorações e as pinturas murais a partir dos restos encontrados nos escombros, assim também o analista precede quando extrai suas inferências a partir dos fragmentos de lembranças, das associações e do comportamento do sujeito da análise. Ambos possuem direito indiscutido a reconstruir por meio da suplementação e da combinação dos restos que sobreviveram. (...)

Essa construção, no caso do analista, diz respeito à tarefa de utilizar os traços deixados pelo paciente através de relatos de sonhos, vagas lembranças e lapsos, para completar aquilo que não foi falado, construir ou reconstruir a história que, embora esquecida, matem seus traços fundamentais e se faz presente, ainda que fragmentada. Freud (1937) afirma que as construções aproximam-se da função exercida pelos delírios: trazer à realidade rejeitada um elemento “de verdade histórica” (ibidem, p. 286). Assim, para o autor, as construções só são eficazes porque recuperam um fragmento de experiência perdida e, na mesma medida, os delírios devem seu poder convincente ao elemento de verdade histórica que inserem no lugar da realidade rejeitada³.

Em texto posterior, Freud (1939) explica seu entendimento de “verdade histórica” distinguindo-a da “verdade material” e propondo que a verdade histórica é aquela que traz um retorno do passado, tenha sido ele esquecido, perdido, rejeitado ou recalçado. Ao empreender tal retorno, ela pode aparecer de modo compulsivo,

³ Vale esclarecer que, desde o estudo do caso Schreber, Freud (1911) entende que na psicose ocorre uma rejeição da realidade da castração, que envolve todo ser humano. Os delírios teriam a função de reconstruir a realidade devastada, trazendo-lhe elementos da vivência rejeitada.

simbolizado, deformado ou distorcido, mas contém em si os elementos do passado que condicionam certos modos do sujeito se posicionar diante do mundo social.

Embora os sujeitos da pesquisa não sejam pacientes em tratamento psicanalítico, tomo de empréstimo essas idéias freudianas para a composição das narrativas. Utilizando a metáfora apresentada pelo autor, é possível afirmar que as narrativas constroem e abrem ao público algumas portas e janelas das casas edificadas por esses sujeitos. Assim, proponho que o trabalho narrativo, uma vez iniciado na relação vivida entre pesquisador e sujeito de pesquisa, conta, em sua conclusão, com um empreendimento de construção do pesquisador. Cabe a este fazer um encadeamento das experiências vividas e de tudo aquilo que escutou do sujeito pesquisado, de modo a apresentar, em forma de texto, os caminhos percorridos no campo da pesquisa. Não se trata de trazer à tona a verdade rejeitada ou recalcada pelo sujeito, mas de tentar restituir, com o máximo de intensidade possível, os aspectos da vida que esse sujeito compartilhou com o pesquisador. Portanto, também não se trata de extrair dados das entrevistas ou observações, mas de construir um enredo do vivido, submetendo-o, em seguida, à prova da leitura a ser feita pelo sujeito da pesquisa, pelos colegas pesquisadores e o público em geral.

Quando questionado sobre a confiabilidade das construções do analista, Freud (1937) defende que elas se configuram sempre como uma conjectura que aguarda o exame do analisando. Do mesmo modo, a narrativa de pesquisa não pretende fazer um retrato objetivo da realidade, mas construir um enredo a ser compartilhado pelo leitor e avaliado por este.

A temporalidade das narrativas

Sobre o processo de construção da narrativa, considero que os sujeitos de pesquisa participaram dele ao contar sobre suas vidas e conduzir-me pelos labirintos por onde circulam, se alojam, moram e fazem trocas simbólicas e afetivas. Nessa construção criaram um tempo localizado entre as experiências vividas, o presente da relação que comigo estabeleciam e uma espécie de *não tempo* próprio dos momentos em que recordamos e revivemos, aproximando-nos de um tipo de vivência onírica. Para possibilitar algum compartilhamento dessa intensa e complexa construção temporal é que se realiza a escrita da narrativa. Assim, a partir da concepção aqui discutida, a construção narrativa, num primeiro momento, nos permite percorrer trechos do labirinto de vivências dos sujeitos de pesquisa. Em seguida, o trabalho de escrita, inspirado na

relação com os sujeitos e sintonizado com ela, mas, paradoxalmente solitário, nos conduz de volta aos corredores da vida científica, permitindo-nos narrar o vivido e ter com ele algum distanciamento necessário ao trabalho analítico.

Nesse sentido, a experiência vivida com Dora foi marcante. Conforme mostrarei mais adiante, em trechos da narrativa de uma das visitas que ela me permitiu fazer aos locais onde costuma passar suas noites, Dora me envolveu num tempo de profunda aceleração e intensidade. Percorrendo becos das favelas onde ela encontra abrigo, ruas do centro da cidade onde dorme, bares que lhe oferecem café, barracos onde tem um colchão para repousar e amigos para conversar, passamos juntas seis horas que pareciam compreender muito mais do que os 360 minutos que o tempo cronológico lhe atribui. Embora tenha tentado expressar essa intensidade na escrita da narrativa, escrevê-la me permitiu retornar à temporalidade socialmente compartilhada e submeter a experiência ao diálogo com os possíveis leitores, alargando suas possibilidades de trocas sociais.

Enredo e narrativa

Onocko Campos e Furtando (2008) sugerem que Ricoeur (1997) nos permite aprofundar essas reflexões sobre a construção narrativa ao apontar que a narrativa tem uma função de agenciamento dos fatos, de composição da intriga. Na leitura que De Conti e Sperb (2009) fazem do autor, a narrativa não é uma descrição da veracidade dos fatos, tal como eles aconteceram, mas uma construção lógica determinada pela tessitura da intriga. O fazer narrativo elabora nova significação ao mundo na sua dimensão temporal, “na medida em que recontar, recitar, é fazer uma ação segundo o convite do poema.” (ibidem, p.121). Nesse sentido, também apoiados em Ricoeur, Onocko Campos e Furtando (2008) concluem que a narrativa torna inteligível aquilo que parecia accidental. Carvalho (2003) contribui com essa discussão destacando que, ao narrar suas experiências, o sujeito é impelido a compor alguma relação entre ele, a sociedade e a historicidade, o que lhe permite adentrar por um processo de construção identitária.

Alguns autores têm utilizado a construção de narrativas na pesquisa psicanalítica. Eles comentam que, diferentemente do relatório de dados, a narrativa é uma experiência que não pede que o outro se cale ou se pronuncie diante de um erro. Sua potência reside na possibilidade de “permitir um devir”, na capacidade de provocar, de levar o leitor a prosseguir com associações e considerações, seja esse leitor os colegas do grupo de pesquisa, a comunidade científica, os sujeitos da pesquisa ou o

próprio pesquisador que, modificado pela experiência, já é outro para si mesmo. Portanto a narrativa é apresentação do vivido, que pode ser pensada e vivida num momento posterior (VAISBERG E MACHADO, 2005).

As autoras argumentam que essa apresentação do vivido refere-se a um compartilhamento, cuja busca metodológica essencial é o rigor, através da transparência possível⁴. Nesse sentido, as narrativas não têm por meta transportar o leitor para o acontecimento passado, por via da identificação com quem o viveu. Tal objetivo nos remeteria a concepções acerca de um compartilhamento que não reserva espaços para a alteridade, reduzindo tudo ao mesmo. O que as narrativas buscam é apresentar as construções que o pesquisador pôde fazer da experiência vivida, de tal modo que o leitor, respeitando seu lugar de alteridade, venha a fazer suas associações e novas construções. (VAISBERG E MACHADO, 2005).

Vaisberg e Machado (2005) asseveram que o uso de narrativas como recurso metodológico só faz sentido num contexto epistemológico “que não considera a presença do pesquisador como um ruído inevitável, que distorce o verdadeiro e o real” (ibidem, p.6). Elas defendem que a presença implicada do pesquisador é condição para a produção de conhecimento psicológico sobre as experiências humanas.

A função de narrar

Concordo com as autoras e considero todas essas reflexões e indicações no trabalho de construção de narrativas que empreendi. Mas, além dessas questões, entendo ainda ser necessário atentarmos para outros aspectos inerentes a essa construção. Em consonância com as ponderações acerca do posicionamento clínico do pesquisador, penso que a construção das narrativas exige que o pesquisador se coloque como um interlocutor que possui certa capacidade que Onocko Campos e Furtado (2008b) chamaram de “olhar narrativizante”. Respeitando as diferenças essenciais entre o trabalho terapêutico e a investigação científica, entendo que a pretensão de apreender os significados que os pacientes atribuem a suas experiências requer a conformação de um campo de comunicação profunda (FONTANELLA et al., 2008). Este pode ser conformado como um espaço transicional (WINNICOTT, 1975), espaço de interligação

⁴ Para explicar o uso da expressão “transparência possível”, Vaisberg e Machado (2005) retomam as idéias de Winnicott, para quem toda experiência transborda, em algum grau, a capacidade de representação. Além disso, ele propõe que todos os seres-humanos possuem uma área inviolável e incomunicável, marcada por uma vivência de solidão essencial e impossível de compartilhamento com um outro. É para essa área que podemos nos refugiar nos momentos de intenso cansaço afetivo.

entre o sonho e a realidade socialmente compartilhada, espaço permeável à liberdade subjetiva e, por isso, propício para a expressão do “idioma pessoal” do sujeito (SAFRA, 2006).

A necessidade de configuração desse espaço mostrou-se imperiosa no contato que tive com Maurício. Ao apresentar-lhe a pesquisa, ele logo perguntou quando providenciaria seu retorno à cidade dos primos, não demonstrando nenhuma motivação para me mostrar o lugar onde mora ou os espaços em que circula pela cidade. Foi difícil proceder com a construção da narrativa para além de seu desejo eminente de mudar de cidade. Enquanto andávamos de ônibus, em direção ao abrigo onde Maurício reside, distraidamente contei-lhe que moro na mesma cidade dos seus primos, para onde ele quer ir. Conversar sobre a cidade, a localização da rodoviária e os ônibus que circulam pelo bairro dos primos nos levou a um espaço de comunicação afetiva mais vivo do que vínhamos até então experimentando. Nesse campo, Maurício pode relembrar vários momentos de sua vida e suas relações com familiares e locais de moradia. Foi preciso “brincar” de passear pela cidade sonhada para que a vida experimentada pudesse ser recapitulada e narrada. A volta à cidade sonhada também perpassou todas as conversas que tivemos no abrigo e nos ajudou a suportar a precariedade, a violência e as conformações perversas lá estruturadas.

Diante dessas experiências, é possível supor que, ao construir e habitar com nossos entrevistados um campo conformado como um espaço transicional, podemos desenvolver um “olhar narrativizante” (ONOCKO CAMPOS E FURTADO, 2008), análogo às proposições de Winnicott (1975). Para o autor, o olhar da mãe, que se encontra adaptada ao seu filho, tem a capacidade de refletir a imagem do bebê e atestar-lhe uma existência, que é, desde o início, social:

O que o bebê vê quando olha para o rosto da mãe? Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê é ele mesmo. Em outros termos, a mãe está olhando o bebê e *aquilo com que ela se parece se acha relacionado com o que ela vê ali [...]* (WINNICOTT, 1975, p. 154, grifos do autor)

Winnicott (1978) ilustra o processo de *ser visto* para poder *ver-se* com as seguintes proposições: “Quando olho, sou visto; logo, existo. Posso agora me permitir olhar e ver. Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e também percebo. [...]”. (ibidem, p.157). Ele explica que ao encontrar-se no olhar da mãe, o bebê pode viver sua *ilusão de onipotência* (que é diferente da onipotência como defesa) e desenvolver uma relação criativa com mundo. Nesta, embora o sujeito possa perceber

os objetos de modo objetivo, sempre os *apercebe*, desenvolvendo uma relação pessoal com a realidade. Note-se que, tal como discutimos acerca do posicionamento do analista, Winnicott (1978) impõe uma condição paradoxal às mães nesse momento da relação com seus bebês: elas precisam, ao mesmo tempo, estarem genuinamente presentes (com a vivacidade do olhar que consegue apreender a imagem do bebê e refleti-la) e ausentes (para que suas questões, tais como suas próprias defesas, não ofusquem a imagem que refletem do bebê).

Proponho uma analogia desse processo com o que Onocko Campos e Furtado (2008) chamam *função narrativizante*. Ou seja, a mãe reconhece a singularidade do bebê e a espelha, desenvolvendo um papel de *narradora* do início daquela existência. Embora os sujeitos da pesquisa não sejam bebês sob nossos cuidados, nem, tampouco, pacientes de nossa clínica, no trabalho de co-construção das narrativas podemos colocar-nos numa posição de disponibilidade, estando genuinamente presentes na relação e adaptados ao entrevistado. Essa posição nos capacita a acolher o fluxo de idéias, descrições de acontecimentos e afetos que os sujeitos enunciam, fazendo, junto deles, um trabalho narrativo, que pode se apresentar, mais tarde, através da escrita.

É necessário reconhecermos que esse processo se baseia em nosso “olhar narrativizante” e não numa tradução pretensamente realística do sujeito entrevistado. Ou seja, tal como propõem Vaisberg e Machado (2005), a construção de narrativas das entrevistas é fruto de um processo relacional que tenta se configurar na criação de um espaço transicional, permeável às (re)vivências e conectado ao seu contexto social de produção.

Ao proceder essas construções narrativas, tomando o cuidado de seguir o fluxo de associações dos entrevistados, podemos produzir um agenciamento dos fatos descritos, atribuindo-lhes a identidade e a localização temporal, conforme sugerem Kristeva (2002) e Ricoeur (1997). Na experiência da pesquisa aqui apresentada, experimentei um tipo de comunicação estruturada a partir da co-habitação de novos mundos, alicerçados nas histórias de vidas que os usuários contavam e nos lugares que me apresentavam e dentro dos quais me conduziam. Não estava conhecendo essas histórias em seus dados exteriorizados e objetivados, mas compartilhando uma criação de sentidos que os usuários faziam a partir do trânsito entre o que lhes pertencia ao campo da experiência emocional e à oportunidade de torná-la pública. Trata-se de uma co-construção delimitada por um posicionamento do pesquisador que não se pretende

neutro, mas compromissado em adaptar-se ao “idioma pessoal” (SAFRA, 2006) do entrevistado, desenvolvendo junto dele o “olhar narrativizante”, tal como Onockco Campos e Furtado (2008b) sugerem.

Como um fio de Ariadne, a co-construção de narrativas, sustentada pelo posicionamento clínico, conforme discutido, permitiu-me adentrar pelo labirinto de vivências dos sujeitos de pesquisa e percorrê-lo, mantendo um processo de comunicação afetiva profunda. Num outro momento, a escrita das narrativas me conduziu para além do labirinto, para corredores da ciência que nos possibilitam transitar entre o campo reflexivo e a experiência compartilhada com os sujeitos de pesquisa. A seguir, apresento alguns trechos da narrativa construída a partir de uma experiência em que circulei junto de Dora pelos diversos espaços onde ela faz suas trocas sociais e encontra abrigos para o corpo e as questões afetivas. Espero que esse exemplo possa vivificar as reflexões aqui esboçadas.

Entre becos e perfumarias: o labirinto de Dora

Dora chega ao NAPS exatamente no horário combinado. Estava andando rápido e, ao encontrar-me na portaria do serviço, diz que devemos sair logo: *Vamos? É bom não demorarmos, porque, assim, não subimos o morro com o sol tão quente. Já fui às casas para avisar que você iria lá comigo. Está todo mundo sabendo. É muito longe, precisamos ir enquanto ainda é cedo. O pessoal deve estar dormindo, mas, até chegarmos, já acordaram. Temos que ir antes do almoço, porque trabalham à tarde. Vamos?*

Ela parecia bastante agitada e a aparência não era tão organizada como na véspera: vestia uma saia cumprida e reta, de cor branca, e uma camiseta branca. Esta parecia velha e ressaltava sua barriga. O cabelo também não estava tão bem penteado e o rosto não tinha nenhuma maquiagem. Peço que aguardemos a chegada de Antonia, pois eu precisaria falar com ela antes de sairmos. Dora parece contrariada e repete que precisamos sair antes que o sol fique forte, para não cansarmos tanto ao subir o morro. (...)

Conto que estou insegura, pois não conheço a cidade e não sei avaliar os riscos de irmos até essas favelas. Lembro que ela havia me descrito uma série de episódios

perigosos, lá acontecidos. Ela assegura que posso ficar tranquila: *Garanto que não haverá problema. Pode ficar tranquila. Há essa hora, por lá, está tudo calmo. E, já avisei que vamos.*

(...)

Tendo em vista o entusiasmo apresentado por Dora e o fato de ela já ter avisado os amigos acerca da nossa visita, opto por acompanhá-la. Ainda no NAPS, ela me pergunta quantos ônibus posso pegar. Explica que não paga ônibus e que precisaria me levar a muitos lugares, o que envolveria várias passagens. (...)

Caminhamos em direção ao ponto de ônibus. Ela continua falando e andando rapidamente, de modo que tenho certa dificuldade em acompanhá-la. Sugere que corramos quando avista o ônibus (...)

Neste momento, eu e Dora ainda não conseguíamos compartilhar um espaço e um tempo comuns. Sentia-me correndo atrás dela, atenta para observar todos os caminhos que ela traçava. A questão da temporalidade da construção narrativa se fazia evidente: Dora impunha um tempo intenso e denso, no qual eu tentava penetrar. Neste momento, tento compartilhá-lo, de modo que o leitor possa conhecê-lo, mas “sem perder o fôlego”.

Agregado à estação de ônibus urbano há um espaço semelhante a um barracão coberto, de cerca de 100m², repleto de barracas de concreto. Parecem ser cerca de 50 barracas, todas cinzas e quadradas (...). Dora explica que são bares e lojas, que ficam abertos até a noite (...). Conta que alguns comerciantes permitem que ela se esconda lá quando está chovendo e que já dormiu muitas noites por ali. Apontando as barracas onde já ficara, relata: *Eles me deixam dormir, sem me pedir nada. Percebem que estou passando frio, tomando chuva e me chamam para me esconder na barraca. Não me pedem nada em troca.*

Sempre de forma rápida, indica que continuemos andando. Saímos desse barracão e, na calçada, ela aponta um banheiro público. Conta que o utiliza frequentemente. À minha pergunta acerca da possibilidade de ela dormir lá, explica: *Não, não deixam ninguém permanecer muito tempo aí dentro. Tem uma mulher cuidando. Se alguém demora, já batem na porta para saber o que está acontecendo. Mas, como sou esperta, consigo me trocar aí. Uso o banheiro para trocar de roupa. Sou rápida.*

Seguimos em direção a uma rua movimentada (...) e cheia de comércio. Ela pergunta-me se pode dizer que sou sua amiga e afirma que me mostrará o bar onde toma

café. (...) Apresenta-me para um senhor de cerca de 60 anos, explicando que ele era a pessoa que lhe oferecia café. (...) Enquanto ele falava, Dora pede um café com leite “claro” e pergunta-me o que quero. Parece não se importar quando respondo que não quero nada. O garçom a atende prontamente. Ao receber a xícara, diz que ficara “claro demais”, mas que experimentaria. (...) Interrompe a fala do homem para descrever os momentos em que já estivera lá no bar para tomar café e fugir da chuva, pedindo que ele confirmasse as histórias. Ele se mantém simpático e solícito o tempo todo. (...)

Nesse momento, eu e Dora já compartilhávamos um espaço que denomino aqui de “espaço transicional”, tomando de empréstimo as formulações de D.W. Winnicott, tal como comentei anteriormente. Tratava-se do espaço da co-construção da narrativa, guiada por Dora. Habitar esse espaço, me permitiu adaptar-me ao ritmo de Dora, deixando de apenas assistir aos seus traçados e passando a compartilhar da narrativa, ainda que numa cuidadosa posição de reserva.

Na calçada, Dora me explica que é amiga daquele senhor há muitos anos. Ressalta que fica sentada no balcão à noite e, às vezes, chega a dormir. Diz que todos a respeitam, mas: *não é fácil aguentar homem em bar, tem que impor respeito, aguentar gente querendo que você se prostitua. Não é fácil. Mas, eles me respeitam. No andar de cima tem uma casa de prostituição. Aquele senhor fica lá embaixo arrumando os programas. Já quis arrumar para mim, mas eu nunca aceitei. Nunca subi lá. Nunca. Por isso, me respeitam. Os garçons não mexem comigo. E, peço para marcarem os cafés que tomo. Pago no fim do mês, para não dar liberdade, não ficarem falando de mim. Estou devendo 70 reais aí. Nunca subi lá em cima. É duro ter que aguentar pessoas dando cantada em mim. Sou firme e, por isso, me respeitam. Só que não dá para dormir tranquila. Quando não encontro outro lugar, encosto minha cabeça no balcão e cochilo, mas dormir mesmo... Isso não dá. Tenho que ficar esperta.*

(...)

Já na calçada, enquanto falava, Dora aponta uma loja de produtos de beleza. (...). Ela cumprimenta discretamente os vendedores que retribuem o aceno, sem mostrar qualquer tipo de afeto (seja aprovação ou desaprovação da presença dela). Animada, diz: *Vem conhecer, antes de pegarmos o ônibus. O ponto do ônibus é aqui na frente. Essa loja tem muita coisa boa e o preço não é caro. Venho aqui quase todo dia. Dá para experimentar todos os produtos. Você não usa maquiagem, né? Olha essas maquiagens aqui! Só coisa boa...* Segue me mostrando vários produtos expostos na loja. Pega um pouco de creme de mão e coloca na minha mão, para eu experimentar. (...).

Passa um batom e me conduz para a saída, dizendo: *hoje eu não me maquiei porque estou cansada, não dormi bem. Mas, normalmente, venho aqui de manhã e me maquio. Ninguém acredita na vida que levo, porque estou sempre bem arrumada. A Jaana⁵ sempre fala: “quem te vê, não sabe do seu sofrimento”. É que tenho o espírito forte...*

Quase correndo, Dora indica que entremos no ônibus. Lá dentro, explica que desceremos num ponto perto da favela Cristiane, mas precisaremos andar um pouco. Aponta alguns bares e conta que são *barra pesada, que já viu muita gente sendo morta ali*. (...) Aponta também um hospital, descrevendo várias situações em que estivera lá. Pergunto se ela estava internada e me responde: *estava hospedada por alguns dias. Precisava me tratar de uma pneumonia e fiquei hospedada. Fiquei amiga de todo mundo, me trataram muito bem*.

Note-se que, com a espontaneidade que lhe é peculiar, Dora sinaliza a necessidade de estarmos atentos às peculiaridades das experiências do sujeito de pesquisa: influenciada pelos meus padrões culturais, apressadamente perguntei se ela estivera “internada” no hospital. Felizmente, sem submeter-se ao “meu” idioma, Dora me corrige, explicando que, para ela, aquele hospital é um lugar de “hospedagem”, um tipo de morada pessoal.

Quando o ônibus entrou num bairro residencial, de classe média, Dora me mostrou a casa onde sua mãe morava e, logo depois, a rua onde se localiza a casa do irmão. Conta: *meu irmão tem posses, é poderoso, mas não quer nem saber de me ajudar. Fui pedir socorro para ele duas vezes. Na primeira disse que estava doente e não podia deixar que eu entrasse. Na segunda disse que estava cansado. Não quer nem saber onde vou dormir, o que acontece comigo. Falou que vai ajudar minha mãe, porque ela está doente, na casa da minha irmã. Minha irmã também não quer saber de mim*.

Descemos do ônibus numa rua asfaltada, de um bairro popular. Andamos uma quadra e chegamos até uma ladeira de asfalto quase desfeito. Nesse percurso, Dora diz que não gosta da vida que as pessoas que moram lá levam. Explica: *eu tenho transtorno maníaco-depressivo e, por causa dessa doença, sou muito repetitiva. Eu sei que sou repetitiva. Os ciclos se repetem para mim. Repito muito as coisas. Então, não aguento gente repetitiva por perto de mim. Eu já sou repetitiva, não gosto de gente que também é. E essas pessoas que moram aqui, são muito repetitivas. Estão sempre aqui, fazem*

⁵ Coordenadora do NAPS

tudo igual, nunca conhecem uma coisa diferente. Têm sempre a mesma vida. Todo dia tudo igual. Isso não dá para mim. Não admiro essas pessoas. Admiro quem tem experiências diferentes.

Depois de subir a ladeira, chegamos à entrada da favela. Descemos uma estreita ruela de terra, cheia de pedras soltas e esgoto escorrendo. Ela repete várias vezes que eu deveria tomar cuidado para não escorregar.(...) Chegamos a uma das casas onde Dora costuma dormir. Uma casinha bem pequena de, no máximo, 20m². Do lado esquerdo da cozinha estava o banheiro, que tinha uma privada e um chuveiro em cima dela. Não havia pia. A porta da cozinha, quando aberta, servia de porta para o banheiro. Se essa porta da cozinha estiver totalmente fechada, o banheiro fica sem porta.(...) Giovana [dona da casa] me aponta a cadeira da cozinha, indicando que eu me sentasse. Senta-se numa cadeira em frente a mim. Dora fala ininterruptamente, sem deixar espaço para que Giovana fizesse qualquer comentário. Esta escuta demonstrando atenção e fazendo sinais com a cabeça, indicando concordar com as falas de Dora. (...)

Dora conta que Giovana é uma pessoa muito boa, que a recebe sempre que precisa. Mostra um colchão, que está no beliche, e explica que, para dormir, coloca esse colchão na cozinha. Para isso, tem que colocar a mesa em cima do telhado da casa de baixo. Moram na casa Giovana, o marido e quatro filhos. Dora me apresenta a filha mais velha de Giovana, que estava chegando. Diz que é aquela moça que lava suas roupas, deixa tudo arrumadinho. (...)

Dora segue falando intensamente: *o Marido da Giovana não gosta que eu durma aqui. Eu não culpo ele. Ele tem razão, porque não tem espaço nem para eles, quanto mais para mim. Eu atrapalho. Ele tem razão. Mas, sempre que eu preciso, a Jaqueline me recebe, nunca me deixou na mão. Ele trabalha dois dias por semana à noite, então, procuro vir quando ele não está.*

(...)

Também me mostra ruas onde já dormira e passara por perigos. Todos os lugares por onde andamos são ruelas estreitas, de terra e pedras, com esgoto “a céu aberto”. O bar em que queria me levar estava fechado, por isso, só o mostra de longe e explica que vai lá quando não tem outra solução. Ressalta que é um lugar muito perigoso, pois é ponto dos “nóia”. Sempre tem morte e tiroteio, seja entre os usuários de droga, seja em função da entrada da polícia. Já ficou “no meio de tiro várias vezes”, mas acaba se salvando.

Andamos um pouco e saímos do trecho da favela, adentrando numa rua mais clara, de asfalto e casas um pouco maiores. Dora diz que me levará na casa de uma das suas irmãs, para que eu conheça sua mãe. Adianta: *você não vai entender nada do que ela fala. Ela tem problemas, não fala direito. Ninguém consegue conversar bem com ela. E, também está doente, com a perna machucada.* Pergunto se a dificuldade de fala se deve à doença, mas ela esclarece que a mãe sempre fora assim. Em frente à casa cruzamos com uma moça que a cumprimenta discretamente. Ela explica que se trata da “mãe do seu sobrinho”. Depois, cruzamos com outra mulher, que era sua irmã. Não se olham, nem se cumprimentam. Descemos dois degraus de cimento e chegamos a uma sala escura. Do lado direito da porta, encostados na parede, estavam dois tanquinhos e uma máquina de lavar roupa. Na parede da frente havia um sofá de lona, com o tecido rasgado, e duas cadeiras de madeira. (...) Só entrava iluminação pela porta e por uma janelinha muito estreita, que ficava em cima da porta. Havia muita roupa e brinquedo espalhados pelo ambiente. (...)

A mãe de Dora estava deitada na cama e, ao nos ver, faz um grande esforço para se levantar. Precisa ficar apoiada numa bengala e na cômoda, por isso, não consegue utilizar a mão para nos cumprimentar. Trata-se de uma senhora que aparente ter entre 60 e 70 anos. É baixa e tem o corpo curvado. É carinhosa com a filha e, ao beijá-la, fala algumas coisas que não entendo. Também me chama para dar-me um beijo, de modo carinhoso. Sentamos no sofá e ela pergunta de onde Dora me conhece. É realmente difícil de escutá-la, pois sua voz quase não sai. Dora diz que sou do hospital, sem demonstrar muita paciência para conversar com a mãe, que insiste no assunto (...). Dora pergunta para a mãe quando o irmão irá buscá-la e tendo a resposta (que não entendi), apressadamente diz que vamos embora. Foi o lugar onde menos nos demoramos (...).

Atravessamos duas ruas e uma praça, subimos outra ladeira e chegamos ao ponto de ônibus. Dora explica que precisamos pegar a condução até a favela Paraíso, onde mora a outra amiga que lhe oferece abrigo. No caminho, comenta sobre as dificuldades financeiras das pessoas que moram na favela, lembrando do esforço que fazem para sobreviver.

(...)

Chegamos à casa de Valquíria, a amiga de Dora. Localiza-se no final de uma ladeira. Ela estava lavando roupa num tanque ao lado da porta. Encostados no tanque e espalhados pelo chão havia muitos objetos, como brinquedos e roupas. Ao lado de um

balde, cheio de água e roupas, estava um neném, de cerca de 9 meses. Ele mexia na água. Dora me apresenta para a amiga e entra na casa. Logo após a porta, havia um banheiro, sem porta, com uma privada, um chuveiro e, embaixo dele, uma banheira de plástico, onde uma menina de 5 anos tomava banho. Na parede que ficava ao lado direito da porta havia uma máquina de lavar roupa, um fogão e uma pia. Em frente a essa parede estava uma mesa de madeira quadrada, sobre a qual havia leite, manteiga, pão, bolacha, cadernos, lápis e roupas. Essa mesa dividia o ambiente: no outro canto havia dois sofás e uma televisão. Toda a sala estava repleta de objetos e roupas, espalhados por todos os espaços, de modo que ficava difícil diferenciá-los. No teto, havia varal com roupas penduradas e um ventilador de chão, também pendurado. Não havia um espaço sem roupas ou objetos. Numa das paredes (que fica no lado oposto do banheiro) havia um tecido branco pendurado, parecendo uma imitação de cortina (embora não houvesse janela). A janela fica na parede de frente à porta de entrada. Toda a casa é desprovida de reboco ou quaisquer acabamentos, o que deixa o tijolo aparente.

O outro cômodo da casa era o quarto, separado por meia parede, mas sem porta. Nele havia uma cama de casal, coberta por uma colcha de tecido que imita renda branca. Ao lado da cama havia um beliche e uma cama de solteiro. Atrás desta, uma estante preta, coberta pelo mesmo tecido da cama. Sobre as camas e no chão havia roupas empilhadas e brinquedos jogados. A estante também estava repleta de roupas. Na parede que dividia o quarto com a rua, havia uma janela aberta, que proporcionava iluminação ao ambiente. O chão da casa inteira era de terra.

A narrativa que vinha sendo construída adquire nesse momento uma tonalidade mais intensa: em sintonia com o tempo acelerado através do qual Dora traçava seus trajetos pelos locais onde habita, aquele espaço impunha uma espécie de “poluição visual”, apresentando-se com uma quantidade de estímulos sobrepostos que chegava a confundir o olhar e parecia deixar o ambiente ainda mais quente. Novamente a diferença de padrões sócio-culturais exigia de mim um esforço para adaptar-me à realidade de Dora e manter-me em sintonia com ela, o que se colocava como condição para continuarmos co-construindo a narrativa.

Dora me mostra o sofá de dois lugares, onde costuma dormir. Este fica ao lado da televisão e tem o tecido, de cor abóbora, rasgado, parecendo ser bastante desconfortável. Sentamo-nos nele e logo Valquíria se junta a nós, carregando o neném e a menina, que ajudava trocar de roupa. Reclama do fato de a filha ter passado mal (tem refluxo) e não querer ir à escola. Dora me explica que a menina tem problema e não

consegue falar direito. Havia se esquecido do nome dela. Valquíria grita com a filha, que não quer colocar o vestido e com o filho, que estava chorando.

Dora senta-se e levanta-se várias vezes, reclamando de calor. Valquíria diz que não entende como ela aguenta ficar com aquela saia, comentando que, para elas, que são gordas, não dá para usar saia, porque as pernas ficam se encostando e acabam por “assar”. Sugere que Dora coloque uma bermuda e grita, chamando a filha mais velha. (...). Dora pede que ela pegue suas roupas, pois pretende levá-las para o NAPS e vestir *shorts*. Depois de alguns minutos, a menina grita do quarto avisando que as roupas de Dora estavam em cima da estante. Dora me chama para ir até o quarto e mostra um saco preto, de cerca de 20l, em cima da estante. Diz que não dará para pegá-lo naquele momento e que passaria mais tarde para escolher as roupas que levaria ao NAPS. Enquanto estávamos lá, orienta-me a tomar cuidado para não pisar numa água suja que escorria pelo chão. Repete várias vezes a orientação, mostrando-se incomodada e preocupada.

Voltamos para a sala e Valquíria continua gritando com os filhos. (...)Dora senta-se novamente no sofá e conta que já dormira muitas noites lá, pois sempre é socorrida pela amiga. Continua agitada e reclamando do calor. A casa tem iluminação, mas é mesmo bastante quente. Entretanto, a mim incomodava mais a quantidade de roupas e objetos espalhados do que a temperatura. Tratava-se de uma intensidade de estímulos visuais que chegava a me cansar. Diferentemente de Jaqueline, Valquíria fala bastante e interrompe Dora para contar histórias ou para gritar com os filhos. Diz que seus filhos gostam muito de Dora e sempre ficam esperando que ela chegue para dormir. Gostam de mexer no cabelo dela e ficar com ela no sofá.

(...)

Agitada, Dora diz que precisamos ir embora. No caminho de volta, comenta sobre as dificuldades de Valquíria, ressaltando a falta de higiene da casa e o esgoto que passa pelo quarto. Reclama do modo como ela se comporta, sempre gritando com os filhos. Explica que pode contar com a amiga sempre que precisa, mas que não gosta de ficar lá porque se incomoda com os gritos: *Ela é muito histérica, fica nervosa o tempo todo. Isso é ruim para as crianças e para qualquer um que conviva com ela. Eu não aguento. Preciso de silêncio. Ela só grita. Mas, também não posso reclamar, porque sempre que preciso, posso dormir lá. Eu chego e as crianças logo me chamam para o sofá. Quando posso, eu ajudo dando um pouco de dinheiro para a casa, pois não dá*

para criar 5 filhos com uma faxina por semana. A Valquíria não tem ninguém para ajudar, ninguém para arrumar aquela casa. À noite, aquele esgoto do quarto fica escuro e tem um cheiro horrível. Eles acostumaram a dormir lá, mas é muito ruim. É a água suja de várias casas.

(...)

No ônibus, comenta que se assustava muito com a miséria em que as pessoas da favela viviam. Relembra a falta de espaço, as dificuldades financeiras e alguns problemas de higiene que identificamos nas casas de Jaqueline e Valquíria. Refere-se a essa realidade como algo que pertence às suas amigas. Lamenta-se por elas, mas não compartilha dos problemas (...). Ao mesmo tempo, valoriza o fato de essas pessoas serem amigas e carinhosas, a despeito da miséria que precisam enfrentar constantemente. Relembra também a relação que tem com as *criações* [animais domésticos] e ressalta que a convivência na favela a deixou muito experiente e sábia. Depois, retoma o assunto do almoço.

[Num restaurante, enquanto almoçávamos, ela conta:] (...) *Eu tive muita coisa boa na vida, não posso reclamar. Sempre convivi com gente granfina, de estudo. Se fosse ver, eu nem deveria falar algumas coisas erradas, como falo. Eu tive oportunidade de aprender a falar corretamente. Não precisaria cometer alguns erros. Você deve ter reparado, não é? Às vezes, esqueço de usar o plural. Acho isso muito feio... Também tive oportunidade de fazer faculdade. Se não tivesse surtado... Mas, a vida me ensinou mais do que um curso de faculdade. Mesmo assim eu penso em voltar a estudar. Quando conseguir guardar um pouco do dinheiro que recebo... Mas, não sei se volto a estudar ou se pago uma auto-escola, para aprender a dirigir. Vou pensar. Antes disso, preciso pagar algumas dívidas.*⁶

A comida está boa, não está? Acho que vou pegar mais um pedaço de carne. Você não quer? Eu como muito devido aos remédios, mas não deveria. Estou engordando demais.

A intensidade da viagem que eu e Dora estávamos empreendendo pelo labirinto que ela habita, o compartilhamento de um espaço e um tempo comuns e a confiança que pôde ser criada, possibilitou que naquele momento Dora pudesse se observar e falar também de suas dúvidas e suas incongruências (o que não acontecia nas primeiras

⁶ Dora fala pouco de planos futuros. Esse foi um dos únicos momentos em que abordou esse assunto, não se referindo a projetos ligados à moradia ou estabilidade de lugares para dormir.

conversas, em que ela se mantinha sempre segura, expondo suas exigências e reafirmando sua superioridade). Considero que nessa conversa podemos identificar um exemplo do que anteriormente chamei de *função narrativizante*: ao olhar para Dora e acompanhá-la em suas experiências de habitação, pude colaborar, ainda que pontualmente, para que ela se percebesse e se narrasse.

(...)

Andamos cerca de quadro quadras e chegamos até o hospital. Há um jardim agradável na frente dele, bastante arborizado. Na entrada, há muitas cadeiras acolchoadas, de couro preto, e um balcão, com atendentes. Dora diz que costuma ficar sentada nas poltronas, assistindo televisão. Afirma que gosta de jornais e não tem muita paciência para novela. Vai ao banheiro e pergunta se não quero utilizá-lo também, pois *é sempre limpinho*. Sugere que sentemos um pouco para descansar. Enquanto ficamos lá, conta que as atendentes não permitem que ninguém passe as noites naquelas poltronas. Por isso, ela chega e pede uma consulta, alegando um problema qualquer. Quando sai da consulta, vai para um corredor lateral a essa sala, justificando que precisará esperar por exames, como raio-x: *Nesse corredor, não há câmara. Acabam se esquecendo de mim, porque também não perturbo ninguém. Então, deito no banco cumprido, até que venham me chamar para ir embora. Tem noite que me deixam sossegada até amanhecer. Nesses dias, consigo descansar bem.*

Depois que saímos desse hospital, eu e Dora ainda percorremos alguns espaços por onde ela circula, exerce suas relações pessoais e se aloja. Em seguida, voltamos aos NAPS e nos despedimos. Ela disse que estava “exausta”, mas sabia que havia me “ensinado muita coisa da vida”. Ela tinha razão. Foram tantas “coisas da vida” compartilhadas, que precisei do meu fio de Ariadne para sair do labirinto de Dora e voltar para os corredores de meu trabalho de pesquisadora. A escrita dessa narrativa foi o fio que me permitiu refazer o caminho percorrido no labirinto e encontrar a porta de saída, uma porta que se abre para outras entradas. Ao escrever, realizei uma construção análoga àquela proposta por Freud (1937): alinhei as experiências vividas, as falas, as histórias, naquilo que elas continham de “verdade histórica”. Esse trabalho me permitiu voltar ao tempo socialmente compartilhado, um tempo menos acelerado que o de Dora, mas, permeável às intensidades que os sujeitos de pesquisa nos impõem.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, I.C.M. Biografia, Identidade e Narrativa: Elementos para uma análise hermenêutica. **Horizontes antropológicos**. v. 9, n.9, p.283-302. 2002.
- COELHO JR, N. Fala, Escuta e Campo Terapêutico em Psicanálise. In: Figueiredo LCM. Coelho Jr. N. **Ética e Técnica em Psicanálise**. 2ª. versão ampliada. São Paulo: Escuta, 2008. p. 67-96.
- DE CONTI, L. SPERB ; T.M. A composição de narrativas pela dupla terapeuta-paciente. Uma análise de sua organização e de sua sequência de ações. **Psicologia Reflexão e Crítica**. v.22, n.1, p.119-127. 2009.
- FIGUEIREDO, L.C.M. Presença, implicação e reserva. In: FIGUEIREDO, L.C.M.; COELHO JR., N.E. **Ética e técnica em psicanálise**. 2ª. ed. ampliada. São Paulo: Escuta, 2008a. p. 13-54.
- FIGUEIREDO, L.C.M. Novas considerações sobre implicação e reserva. In: FIGUEIREDO, L.C.M.; COELHO JR., N.E. **Ética e técnica em psicanálise**. 2ª. ed. ampliada. São Paulo: Escuta, 2008b. p. 107-122.
- FIORINI, H. J. **Teoria e técnicas de psicoterapias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos. In:___ **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.371-650: (Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, 5, 1900).
- FREUD, S. O Caso Schreber - Notas psicanalíticas sobre um Relato Autobiográfico (Dementia Paranoides). In:___ **S. O caso Schereber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.123-136. : (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 12, 1911).
- FREUD, S. Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In:___ **S. O caso Schereber, artigos sobre a técnica e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.123-136. : (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, 12, 1912).
- FREUD, S. - Construções em análise. In:____. **Moisés e o monoteísmo. Esboço de Psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.275-290.: (Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, vol. 23, 1937).
- FREUD, S. – Moisés e o monoteísmo. Três ensaios. In:____. **Moisés e o monoteísmo. Esboço de Psicanálise e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.275-290.: (Edição Standard Brasileira das Obras completas de Sigmund Freud, vol. 23, 1939).

FONTANELLA B.; RICAS J.; TURATO E.R. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cadernos de Saúde Pública**. v. 24, n.1, p. 17-27.2008.

GADAMER, H.G. **Verdade e método. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

KRISTEVA, J. O gênio feminino: a vida, a loucura, as palavras. Hanna Arednt, Tomo I. Rio de Janeiro: Rocco Editora, 2002.

ONOCKO CAMPOS, R. **O planejamento no labirinto. Uma viagem hermenêutica**. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 2001.

ONOCKO CAMPOS, R.; FURTADO, J.P. Narrativas: utilização na pesquisa em saúde. **Revista de Saúde Pública**. v. 42, n.6, p. 1090-1096.2008.

SAFRA, G. **Hermenêutica na situação clínica: o desvelar da singularidade pelo idioma pessoal**. São Paulo: Editora Sobornost, 2006.

SCHRAIBER, L.M. Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativos em estudo sobre produção médica. **Revista de Saúde Pública**. v. 29, n.1, p. 63-74. 1995.

TURATO, E.R. **Tratado de metodologia clínico-qualitativa**. 4ª. Ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2010.

VAISBERG, T.M.J.A ; MACHADO, M.C.L. Transicionalité et enseignement de la psychopathologie: réflexion sur les cours pratiques à partir de Winnicott. **Coq heron**. v.180, n.1, p. 146-155.2005.

WINNICOTT, D.W. A criatividade e suas origens. In:___ **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro (RJ): Imago Editora Ltda, 1975. p. 95-120.

WINNICOTT, D.W. Preocupação maternal primária (1956). In:____. **Textos selecionados: da pediatria à psicanálise**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978. p. 399-405.

WINNICOTT, D.W. Os objetivos do tratamento psicanalítico. In:____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983. p. 152-55.